
APRESENTAÇÃO

Quando a mídia internacional informou sobre o surgimento da covid-19 na China, em dezembro de 2019, a maioria de nós acreditava tratar-se de um problema regional. O caráter pandêmico do vírus tornou-se ameaçador com a sua chegada na Europa, em janeiro de 2020, e com o número crescente de mortes, chamando a atenção a discrepância entre a incidência de óbitos nos diversos países do mundo (ver Figura 1).

As cenas eram chocantes porque algo assim não poderia ocorrer em sociedades modernas, protegidas pela ciência, pela técnica e amparadas por políticas públicas de saúde. Pandemias eram coisas do passado, uma ocorrência típica do distante mundo medieval, acerca da qual sabíamos vagamente apenas pelos livros de história, o que reforçava o nosso defensivo desconhecimento. A partir de março de 2020, o impossível se instalou perto de nós, suscitando o efeito traumático próprio a toda irrupção de um evento inesperado. Os textos do nosso livro foram escritos sob a força desse primeiro impacto e como uma primeira tentativa de elaboração do fenômeno.

Figura 1 – Mortes por coronavírus no mundo

	país	casos	casos diários*	mortes	mortes diárias*	população
1	Estados Unidos	43 683 048	107 312	701 169	1 813	332 915 074
2	Brasil	21 468 121	16 593	597 948	501	213 993 441
3	Índia	33 834 702	22 274	448 997	258	1 393 409 033
4	México	3 678 980	6 597	278 592	449	130 262 220
5	Rússia	7 474 850	23 105	206 179	848	145 912 022
6	Peru	2 177 283	607	199 423	19	33 359 415
7	Indonésia	4 219 284	1 610	142 173	101	276 361 788
8	Reino Unido	7 937 810	33 922	137 338	116	68 207 114
9	Itália	4 682 034	3 103	131 031	48	60 367 471
10	Colômbia	4 962 054	1 483	126 401	37	51 265 841

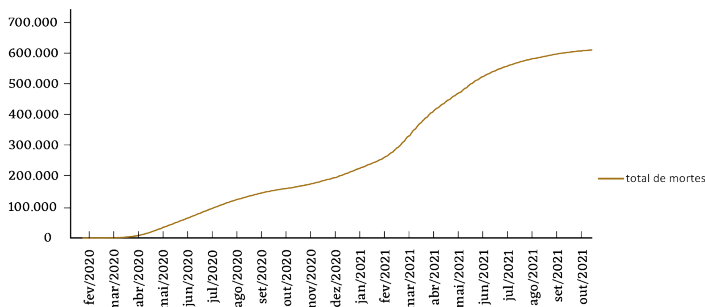
*Média móvel diária relativa aos 7 dias anteriores.

Fonte: Gazeta do Povo, 2021¹.

Muitos eram os temores, porém, mitigados pela expectativa do refluxo da pandemia em poucos meses. Mal sabíamos da verdadeira catástrofe que nos aguardava: o negacionismo, as vãs controvérsias políticas, as cenas de horror dos hospitais, as centenas de milhares de mortes (ver Gráfico 1). A crise sanitária multiplicou-se em crises econômica, social e política, e nelas ainda estamos mergulhados: milhares de empresas fechadas, fome, desemprego e precarização do trabalho. Mas há ainda mais, a pandemia põe em questão alguns valores básicos de nossa civilização e que julgávamos evidentes. Os textos que aqui reunimos sob o primeiro impacto da pandemia e ainda sem sabermos de seus desdobramentos têm, além do valor intrínseco de suas reflexões, o caráter testemunhal de um momento histórico crucial e inesquecível. Infelizmente, o Brasil vive, em 1º de outubro de 2021, a dura realidade de 597 mil mortos.

1 Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/>. Acesso em: 04 out. 2021.

Gráfico 1 – Número acumulado de óbitos por coronavírus – Brasil



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de informações obtidas do site do Conselho Nacional de Secretários de Saúde².

É difícil ficar em silêncio diante de uma pandemia que diariamente retira milhares de vidas e traumatiza outras. Não é a primeira, e certamente não será a última pandemia que assola a humanidade. Podemos mencionar a gripe espanhola que destróçou a Europa, com efeitos nas Américas, entre 1918 e 1920. Nelson Rodrigues (1967) constrói uma crônica de memórias vividas e ficcionadas sobre a gripe espanhola – *A menina sem estrela: memórias*. Vejamos alguns trechos:

E foi nesse Rio absurdo que a gripe desabou. Na fábula acima, vimos que o defunto no seu narcisismo obsessivo foi ao requinte da gravatinha-borboleta. Mas a espanhola não fazia nenhuma concessão à vaidade dos mortos. E o apavorante eram a solidão, o abandono e, sobretudo, a humilhação do cadáver. Morrer na cama era um privilégio abusivo e aristocrático. O sujeito morria nos lugares mais impróprios, insuspeitados: — na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim [...] O sujeito morria sem vela. Ninguém se lembraria de fazer uma missa de

2 Painel “Nº de óbitos informados por semana epidemiológica”. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 4 out. 2021.

sétimo dia. O brasileiro é um homem de fé. Conheço patrícios que têm, ao mesmo tempo, três, quatro religiões. Pois, na espanhola, ninguém acreditava em nada. O sujeito mal tinha tempo de morrer. E eu cada vez entendia menos aqueles enterros fulminantes, sem dourados, sem cavalos, sem penachos (RODRIGUES, 1967, p. 55).

O tema das mortes, dos lutos possíveis e impossíveis, é o organizador deste encontro de pesquisadores e pesquisadoras. O primeiro capítulo oferece uma discussão sobre o tema do surgimento da modernidade, com seus avanços e paradoxos, discutindo a crise do mundo contemporâneo, sobretudo, através da ideia do avanço da técnica que lapida a natureza para, por fim, contribuir com as reflexões sobre a morte e o morrer na filosofia.

No segundo capítulo, *Do luto privado ao luto público: desafios do luto em massa pela covid-19*, as autoras buscam em Freud e Butler algumas reflexões sobre a importância do luto individual e público. Refletem sobre o fato de que, num contexto pandêmico como o da covid-19, presenciamos cotidianamente atos de apagamento de qualquer inscrição simbólica de mortes. Argumenta-se, pois, sobre a conotação política desses silenciamentos e a urgência de um trabalho de luto público.

O terceiro capítulo, *Angústia e trauma: a covid-19 sob a perspectiva lacaniana*, se dedica, a partir da teoria psicanalítica sobre o trauma, a pensar sobre o impacto da pandemia da covid-19 na subjetividade de nossa época, sobretudo, no afeto da angústia. Para isso, retoma o conceito de traumatismo em Freud e seu desenvolvimento na psicanálise de orientação lacaniana. As autoras destacam as instâncias simbólica e real na abordagem e tentativa de elaboração dos efeitos traumáticos da pandemia.

O quarto capítulo analisa a experiência com a morte e o medo de morrer, vivenciada por enfermeiras na linha de frente de combate ao coronavírus durante a pandemia, demonstrando que a angústia frente ao desconhecido e a ambiguidade da dupla imagem de heroína e vilã afetam de forma intensa a vida dessas pessoas.

Pensar sobre as novas formas de luto nas redes sociais é o objetivo central do quinto capítulo. As autoras defendem que a atual pandemia de covid-19 e sua respectiva necessidade de isolamento social trazem novos desafios aos processos de elaboração de luto, que precisam se reinventar. Nesse sentido, o mundo virtual e a conectividade entre as pessoas a partir das redes sociais se apresentam como uma saída possível. Assistimos a um movimento de compartilhamento de histórias e narrativas que valorizam o caso-a-caso, na tentativa de humanizar as estatísticas.

No capítulo seguinte, intitulado *Cenários da morte por covid-19: análise de narrativas em plataformas digitais*, busca-se discutir as relações de poder que movem as engrenagens da morte e do morrer e os processos de luto envolvidos, além de explorar, de maneira ensaística, narrativas em primeira pessoa de sujeitos que se aproximaram de diferentes formas da morte por covid-19, em vídeos postados no YouTube.

O sétimo capítulo, por sua vez, busca compreender o impacto da pandemia nos processos de subjetivação de brasileiros. Para isso, foram analisados elementos da conduta de indivíduos na rede social Facebook durante o período de pandemia no Brasil. Entre os elementos que possuem impactos significativos, destacam-se a falta de confiança nas informações relacionadas à covid-19 e as notícias sensacionalistas sobre o tema, a desigualdade social acentuada, além da sobrecarga e da improdutividade no isolamento, que têm contribuído para o aumento do sofrimento daqueles que não conseguem atender a tantas expectativas.

O texto *O Real da pandemia e o surreal do desgoverno: notas sobre o trauma brasileiro* aborda a situação da pandemia de covid-19 no Brasil, destacando o cenário político marcado pela necropolítica e com afirmações oficiais de teor ilógico em relação à gravidade das consequências da pandemia. Advindo do Real, o conceito psicanalítico de trauma será problematizado como consequência psíquica desse cenário dada a impossibilidade de elaboração da perda, e cujo efeito é o advento de (mais) um sintoma na sociedade brasileira.

No nono capítulo, encontramos um texto que parte da consideração da pandemia de coronavírus como um acontecimento traumático, marcado pela experiência singular que cada um vem vivenciando com o isolamento, com o adoecimento, com o luto e com a iminência da morte, atualizando a visada freudiana das fontes de sofrimento que nos submetem ao inevitável.

O que tem a psicanálise a dizer e a oferecer face à era covid-19 que se impõe a nós, abrindo, irreversivelmente, o século XXI? As categorias de mal-estar (Freud) e Real (Lacan) nos oferecem balizas clínicas para lidar com esse momento? São as questões que organizam o décimo e último capítulo.

Esperamos que as reflexões presentes no livro possam contribuir para diálogos e articulações teóricas e práticas sobre o tema da covid-19, considerando, especificamente, a morte em sua perspectiva individual, social e política.

Considerando a mudança de cenário constante e a produção localizada em certo tempo e espaço, na linha do tempo do início deste livro, apresentamos um pequeno fragmento de eventos importantes, que marcaram os rumos da evolução da pandemia por coronavírus no mundo e no Brasil.

Outubro de 2021³.

*JACQUELINE DE OLIVEIRA MOREIRA
ANA CAROLINA DIAS SILVA*

3 Esta apresentação foi escrita em junho de 2020 e atualizada em outubro de 2021. Escrever sobre o próprio tempo, escandido pelo caos, nos traz diferentes informações, mas também diferentes emoções. Esperamos que as(os) leitoras(es) possam captar essas modulações ao longo desta coletânea.

SUMÁRIO

25. A morte e a modernidade: meditações nos tempos da pandemia

Carlos Roberto Drawin

47. Do luto privado ao luto público: desafios do luto em massa pela covid-19

Jacqueline de Oliveira Moreira

Ana Carolina Dias Silva

Taísa Mara Pinheiro Silva

66. Angústia e trauma: a covid-19 sob a perspectiva lacaniana

Maria José Gontijo Salum

Ana Carolina Carvalho Cruz Fernandes

Marina Melo Machado

80. O perigo, o herói e o vilão: as ressonâncias da morte para os profissionais de saúde em tempos de pandemia

Fernanda Poliana Santos Pessoa

Júlia Cabral Ferreira

Hélio Cardoso de Miranda Jr.

94. Novas formas de luto nas redes sociais

Bianca Ferreira Rodrigues

Fernanda Soares Penido

Mariana Silva Oliveira

109. Cenários da morte por covid-19: análise de narrativas em plataformas digitais

Luciana Kind

Felipe Marques Moura

Marina da Silva Assis

136. Saúde mental e covid-19 em mídias digitais

Laura Reichert Dalcin

João Leite Ferreira Neto

151. O real da pandemia e o surreal do desgoverno: notas sobre o trauma brasileiro

Angela Bucciano do Rosário

165. Um acontecimento traumático

Gesianni Amaral Gonçalves

Guilherme Massara Rocha

178. O vírus, o mal-estar e nossas sacadas

Alexandre Simões

188. Epílogo

Miguel Gallegos

191. Sobre os autores